

LEONEL RADDE

# MANUAL DO POLICIAL ANTIFASCISTA

O que pensa e como atua  
um agente de segurança que  
luta pelos direitos humanos

 Planeta

# MANUAL DO POLICIAL ANTIFASCISTA

O que pensa e como atua  
um agente de segurança que  
luta pelos direitos humanos



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Leonel Radde, 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Todos os direitos reservados.

*Organizador de conteúdo:* Vitor Necchi  
*Preparação:* Vivian Miwa Matsushita e Fernanda Guerriero Antunes  
*Revisão:* Caroline Silva e Renata Lopes Del Nero  
*Projeto gráfico e diagramação:* Camila Catto  
*Capa:* Anderson Junqueira  
*Imagem da capa:* MaryValery/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB—8/7057

Radde, Leonel

Manual do policial antifascista: O que pensa e como atua um agente de segurança que luta pelos direitos humanos / Leonel Radde. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.  
160 p.

ISBN 978-85-422-2171-8

1. Fascismo 2. Segurança pública 3. Política e governo – Brasil I. Título

22-4548

CDD 300

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ciências sociais e políticas



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

## **Acreditamos nos livros**

Este livro foi composto em Spectral, Public Sans e Gobold High e impresso pela Geográfica para a Editora Planeta do Brasil em agosto de 2022.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# SUMÁRIO

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1. De que país precisamos?	•	<b>9</b>
2. Uma definição de fascismo	•	<b>15</b>
3. Entender o fascismo para combatê-lo	•	<b>31</b>
4. Cartografia das tatuagens	•	<b>47</b>
5. Muito prazer, sou o policial Leonel Radde	•	<b>59</b>
6. Polícia não pode ser monopólio da direita	•	<b>81</b>
7. Desmilitarização da polícia	•	<b>95</b>
8. Como assim, um policial de esquerda?	•	<b>101</b>
9. Antifascista com ou sem movimento	•	<b>117</b>
10. Um projeto político que acompanha a diversidade da vida	•	<b>131</b>
11. Não posso ter qualquer tipo de desonra	•	<b>141</b>
12. Barrar o fascismo na primavera	•	<b>155</b>

# DE QUE PAÍS PRECISAMOS?

1.

O que define uma pessoa? É o pensamento ou, mais do que a abstração de um ponto de vista, são as ações, pois o sentido prático do viver acaba determinando a existência? Seria a maneira como os outros enxergam as ideias e os atos aquilo que acaba resumindo a história de alguém?

Esta não é uma obra de autoajuda, como tantas outras que fracassam ao tratar da vida e de seus sentidos, mas os questionamentos apresentados no parágrafo anterior surgiram quando resolvi escrever este livro. Afinal, por que alguém teria interesse em ler estas páginas?

As coisas começaram a fazer sentido quando percebi que a pretensão não era esmiuçar minha trajetória, mas sim tratar de temas atuais e graves, como a escalada fascista e a urgência de barrar esse ciclo perverso de violência e intolerância. Como consequência – pois são indissociáveis –, outro propósito era refletir, entre outros assuntos, sobre direitos humanos e desmilitarização da polícia.

Não se trata de uma autobiografia, mas um tanto de mim aparece ao longo deste livro, afinal o desenvolvimento dos tópicos parte da atuação política que tenho praticado nos últimos anos e das minhas perspectivas, o que me levou a começar por quem me antecede.

Meu pai foi um diretor de teatro que alcançou projeção e reconhecimento no Rio Grande do Sul. Trabalhista convicto, conviveu com seu líder maior, Leonel Brizola, fundador do Partido Democrático Trabalhista (PDT), a quem homenageou. Entenderam de onde veio a inspiração para o meu nome? Ele odiava a legenda à qual me filiei, o

Partido dos Trabalhadores (PT), e aqui posso falar da minha mãe, uma das fundadoras do partido em Porto Alegre, além de ter sido uma bancária de intenso engajamento no movimento sindical. Esperava que eu seguisse qualquer profissão, menos a de policial.

Se não bastasse afrontar os princípios partidários do meu pai, contrariei a minha mãe em algo que era tão caro para ela e, por concurso público, ingressei na Polícia Civil do Rio Grande do Sul. Complexo, né?

Começo a minha apresentação de forma breve: sou Leonel Guterres Radde, pai, policial civil, político de esquerda, antifascista, vegetariano, budista, professor de *aikido*, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, licenciado em História e mestre em Direito.

Sei que muitos consideram impossível um policial se intitular de esquerda e antifascista – e, ainda por cima, vegetariano e budista –, mas justamente daí surge um dos temas tratados aqui: a dificuldade do campo progressista em discutir segurança pública, um assunto que precisa ser encarado por todos.

Entendo a relutância de segmentos da esquerda em lidar com o fato de um policial ser de esquerda. A relação entre as forças de segurança e os

movimentos sociais, negros e de classes menos abastadas nunca foi amistosa; pelo contrário, tem a marca da violência, truculência e intolerância. E tudo piorou durante a ditadura instaurada em 1964, quando os governos promoviam terrorismo de Estado para aniquilar os opositores do arbítrio.

E a direita bruta e extremada, por sua vez, me desqualifica e ataca porque sou antifascista. Aproveito para fazer uma ressalva: não associo o fascismo à direita, mas há um segmento da direita que, embora pequeno, é barulhento, nocivo e até mesmo letal. O fascismo é um movimento ancorado na extrema direita.

Neste livro, discuto as aparentes ambivalências e o tensionamento que orbita em torno dessas relações e desses entendimentos. Além disso, registro minha inconformidade. Pode parecer singelo, quase clichê, mas o que me move a prosseguir agindo todos os dias é o fato de não tolerar tanta injustiça e desigualdade.

A vida se tornou tão precarizada que não há espanto geral quanto a isso. A dor do outro é tão disseminada e banalizada que não choca na dimensão em que deveria. A propósito, enquanto escrevo este texto, ucranianos e russos se matam em mais uma guerra, uma das mais regulares ações humanas, desde quando rivais disputavam a posse do fogo.

O *Manual do policial antifascista*, embora tenha esse nome, não pretende ser um guia prático que busca ensinar como fazer algo. A intenção é que ele parta da minha experiência e se expanda ao encontro de leitores que, assim como eu, entendem que o fascismo não é apenas um assunto restrito a livros de História. Trata-se de algo concreto e perigoso que já deu sinais suficientes de que está em curso, bem perto de nós.

Estas páginas combinam relatos pessoais com reflexões sobre temas urgentes e importantes para pensar o Brasil de hoje, entre eles segurança pública e fascismo, no intuito de ampliar o entendimento sobre o país que temos e o país de que precisamos.

